

OS MAIS BELLOS POEMAS DE AMOR



VICENTE DE CARVALHO

# ROZA, ROZA DE AMOR

COMPEDITORA NACIONAL-SÃO PAULO

Volumes da  
mesma Collecção:

**Menotti**

Mascaras  
Juca Mulato  
D. João  
Poemas de Amor

**Julio Cezar  
da Silva**

Arte de Amar

**Guilherme de  
Almeida**

Nós  
Era uma vez  
Dansa das horas

**Vicente de  
Carvalho**

Roza, Roza de  
amor

**Oswaldo Orico**

Arte de Iludir

---

Preço de cada vol.  
3\$000

---

---

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
**José Mindlin**

CIA. EDITORA  
NACIONAL

Rua dos Gusmões, 26  
S. Paulo - 1928





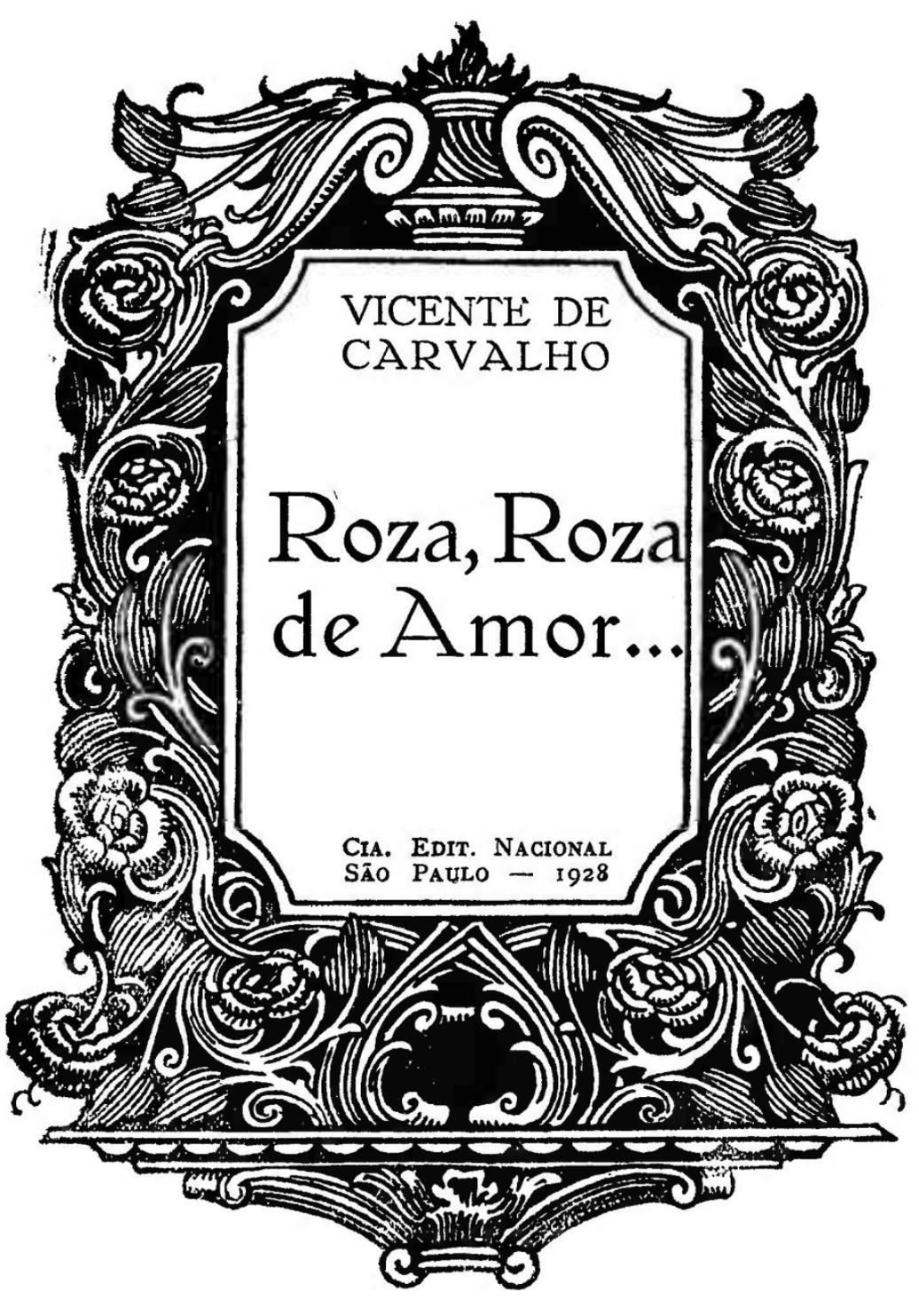




ROZA, ROZA DE AMOR.

N<sup>o</sup> 004479





VICENTE DE  
CARVALHO

Roza, Roza  
de Amor...

CIA. EDIT. NACIONAL  
SÃO PAULO — 1928



*Roza, roza 'de amor purpurea e bela,  
Quem dentre os goivos te esfolhou da campa?*

GARRET.





I

OLHOS VERDES

Olhos encantados, olhos côr do mar,  
Olhos pensativos que fazeis sonhar!

Que formosas couzas, quantas maravilhas  
Em vos vendo sonho, em vos fitando vejo;  
Córtes pitorescos de afastadas ilhas  
Abanando no ar seus coqueiraes em flôr,  
Solidões tranquilas feitas para o beijo,  
Ninhos verdejantes feitos para o amor...



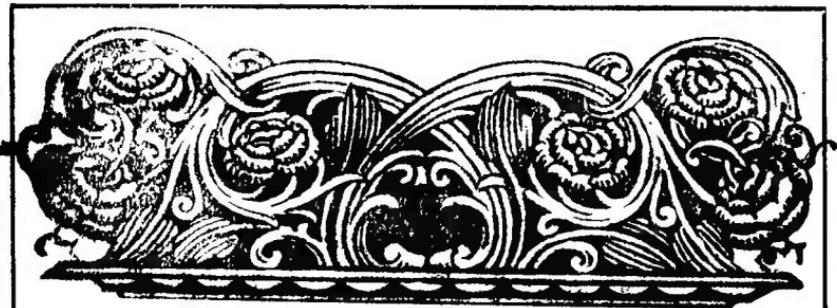
Olhos pensativos que falais de amor!

Vem caindo a noute, vai subindo a lua...  
O horizonte, como para recebê-las,  
De uma fimbria de ouro todo se debrua;  
Afla a briza, cheia de ternura ousada,  
Esfrolando as ondas, provocando nelas  
Bruscos arrepiços de mulher beijada...

Olhos tentadores da mulher amada!

Uma vela branca, toda alvor, se afasta  
Balançando na onda, palpitando ao vento;  
Eil-a que mergulha pela noute vasta,  
Pela vasta noute feita de luar;  
Eil-a que mergulha pelo firmamento  
Desdobrado ao lonje nos confins do mar...

Olhos scismadores que fazeis scismar!



Branca vela errante, branca pela errante,  
Como a noute é clara! como o céu é lindo!  
Leva-me contigo pelo mar... Adiante!  
Leva-me contigo até mais lonje, a essa  
Fimbria do horizonte onde te vais sumindo  
E onde acaba o mar e de onde o céu começa...

Olhos abençoados cheios de promessa!

Olhos pensativos que fazeis sonhar,  
Olhos côr do mar!





## II

### MANHÃ DE SOL

Na sombra do murtal, cujas flôres a leve  
Arajem desgrinalda em turbilhões de neve,  
Ela vagueia a sós... e como vai formosa!  
Tem como uma frescura orvalhada de roza  
Na face... Em seu sorriso amanhece. E' tão brando  
O seu pizar, que o chão o acolhe suspirando.  
— Eis o sol! — canta uma ave ao fitar-lhe a retina...  
E por onde ela passa a sombra se ilumina.

Descuidada e feliz, entre as arvores ela



Erra á tóa. Sorrindo, as aves interpela.  
Corre de flôr em flôr, salta de mouta em mouta,  
Ora entre a ramaria o olhar travesso afouta  
E tenta surpreender o segredo de um ninho;  
Ora scisma, fitando o vago desalinho  
Em que toda palpita, em que se entrega toda,  
A folhagem que o vento acaricia... Em roda,  
Em tudo, vê um ar festivo de noivado,  
Cada flôr abre ao sol o calice orvalhado,  
Humido como um labio em que pouzasse um beijo...

E o seu passo é sutil, e erra como um adejo.

Surpreendo-a. Ela estaca, assustada, indecisa;  
Mal com os pézinhos nús o chão musgoso piza  
Num ar de juriti prestes a abrir o vôo.  
Tomo-lhe as mãos; baixinho, ao seu ouvido, então  
A atrevida canção do amor que tudo pede,  
Do amor que não é mais do que um furor de sede,  
Que é o amor afinal...



Toda a sua alma escuta,  
Todo o seu corpo treme. Amante e irresoluta,  
Quer ceder, e reziste; abraza, e não se atreve...  
E de subito, como a corça arisca e leve  
Que sente o caçador e ouve silvar a bala,  
Ela das minhas mãos bruscamente resvala,  
Salta, foje-me...

Em vão. Salto-lhe em pós; não tomba  
Mais faminto um abutre em cima duma pomba.  
Ela, sem rumo, vai e erra ao acaso, numa  
Vaga trepidação, como ao vento uma pluma.  
E o seu passo recorta o chão, que abaixa e alteia  
Aqui um charco, adiante um cômodo de areia.

Aos poucos, a carreira afrouxa. Em cada passo  
Mais e mais ela mostra a angustia do cansaço,  
Arfa-lhe o seio: perde o folego; tropeça;  
Pára...

Alcança-a o meu beijo. O noivado começa.





III

HORAS DE AMOR

Só vivo as horas que passo  
Junto de ti, meu amor,  
Tua cintura em meu braço,  
Meu beijo em tua bôca em flôr...

Só assim vivo, querida,  
Pois tudo mais não é vida.

\*



Ventura que mal goteja,  
Triste do amor que se esconde,  
E só acha de onde em onde  
Um acazo que o proteja;

Só alcanço o teu' carinho  
Nesta sombra de folhagem,  
Onde, como ave selvagem,  
Nosso amor tem o seu ninho.

Por entre as moutas vagueio,  
Caminho, páro, indeciso...  
Virás ou não? E agonizo  
Entre a esperança e o receio.

Por toda a floresta, cheia  
De um rumor vago e perdido,  
Cuido escutar o ruído  
Dos teus pézinhos na areia.



Volto-me sobresaltado  
Só porque uma ave deteve  
O vôo, e um ramo, de leve,  
Estremeceu ao meu lado.

E enquanto na sombra curto  
Essa impaciencia hesitante  
Por ternuras de um instante,  
Por beijos dados a furto,

Cheio de inveja reparo  
Nas borboletas que em bando  
Passam felizes, amando  
Na plena luz do sol claro...

Ventura que mal goteja,  
Triste do amor que se esconde,  
E só acha de onde em onde  
Um acazo que o proteja.



Amor que a sombra encarcera,  
E foge ao sol e ás estradas...  
Fôssemos nós de mãos dadas  
Pela vida e a primavera!

\*

De subito, ouço teus passos:  
De entre folhagens de arbusto  
Olhas, tremula de susto,  
Cáis palpitante em meus braços.

E como a caçada abelha  
Que suga a flôr, e adormece,  
Meu beijo pouza, e se esquece  
Em tua bôca vermelha...

\*

Lógro só de espaço a espaço  
Algum momento de amor,



Tua cintura em meu braço,  
Meu beijo em tua bôca em flôr.

Ai, eu só vivo querida,  
Pedacos da minha vida...





IV

PRIMEIRA SOMBRA

— Mal me quer... bem me quer...

— Será preciso

Que uma flôr assegure o que digo e tu vês?

O meu olhar, pouzando em teu sorriso,  
Mostra-te que és amada e adivinha que o crês.

— Mal me quer... bem me quer...

— E, comovida,

Tremes, como esperando numa sentença atroz...

Supões que espalhe à noute em nossa vida  
A sombra de uma flôr perpassando entre nós?



— Mal me quer... Mal me quer... Desde hontem quando  
Faltaste, adivinhei tudo que a flôr me diz.  
Tenho-te junto a mim e fito-te chorando;  
Beijas-me ainda, e já não sou feliz.

Sinto que és meu, aperto-te em meus braços  
E, no pavor de um sonho angustiado e sem fim,  
Ouço como um rumor fujitivo de passos  
Que te afastam de mim...

Dize que estou sonhando, que estou louca!  
Jura que sou feliz, que os teus dias são meus,  
E que o beijo que ainda orvalha minha bôca  
Não é tua alma que me diz adeus.

A amorosa doçura do teu verso  
Ecoou em minha alma; em teu verso aprendi  
A soletrar o amor, o Amor — esse universo  
Radioso, imenso, e resumido em ti.



A tua voz chamou-me; eu escutei-a  
E segui-a, ditosa, a sorrir e a sonhar...  
Fala-me ainda de amor! Não te cales, sereia  
Que me atraíste para o azul do mar!

Minha alma, envolta em trapos de mendiga,  
Vai seguindo, não chão, do teu passo o rumor.  
Não me deixes! Serei a sombra que te siga  
Sem indagar onde me leva o amor.

Não me abandones! Ama-me! A risonha  
Aurora inunda o céu todo afogado em luz...  
Sou formosa, sou moça, amo-te... Ama-me! Sonha,  
Pousada a fronte nos meus seios nus!

Que alegre madrugada côr de roza,  
Ser amada por ti, claro sol que tu és!  
Eu dei-te a minha vida. E' tua. Esbanja-a, goza  
Toda esta primavera estendida a teus pés.



Bem amado que, como um passaro num ramo,  
Vieste acazo pouzar o vôo no meu seio,  
Não me deixes! Eu quero ouvir ainda o gorjeio  
Em que teu beijo é que dizia: «Eu te amo»!



V

A FLÔR E A FONTE

«Deixa-me, fonte»! Dizia  
A flôr, tonta de terror.  
E a fonte, sonora e fria,  
Cantava, levando a flôr.

«Deixa-me, deixa-me, fonte»!  
Dizia a flôr a chorar:  
Eu fui nacidâ no monte...  
«Não me leves para o mar».



E a fonte, rápida e fria,  
Com um sussurro zombador,  
Por sobre a areia corria,  
Corria levando a flôr.

«Ai, balanços do meu galho,  
«Balanços do berço meu;  
«Ai, claras gotas de orvalho  
«Caidas do azul do céu!..»

Chorava a flôr, e gemia,  
Branca, branca de terror,  
E a fonte, sonora e fria,  
Rolava, levando a flôr.

«Adeus, sombra das ramadas,  
«Cantigas do rouxinol;  
«Ai, festa das madrúgadas,  
«Doçuras do pôr do sol;

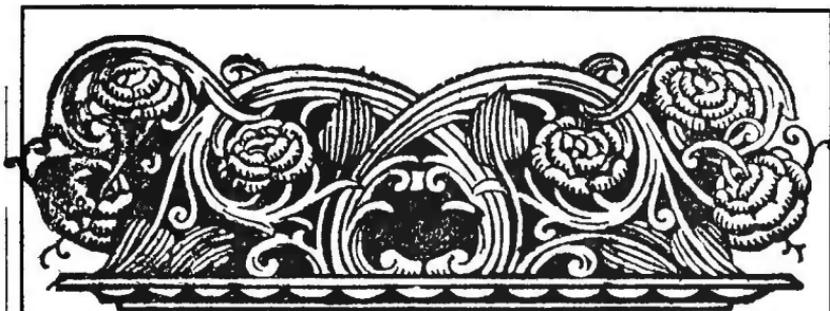


«Carícia das brizas leves  
«Que abrem rasgões de luar...  
«Fonte, fonte, não me leves,  
«Não me leves para o mar!..»

\*

As correntezas da vida  
E os restos do meu amor  
Resvalam numa decida  
Como a da fonte e da flôr...





VI

DESILUDIDA

Sou como a corça ferida  
Que vai, sedenta e arquejante,  
Gastando uns restos de vida  
Em busca da água distante.

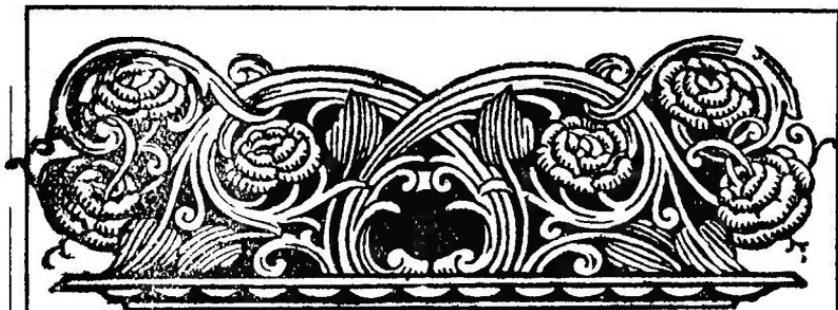
Bem sei que já me não ama,  
E sigo, amorosa e aflita  
Essa voz que não me chama,  
Essé olhar que não me fita.



Bem reconheço a loucura  
Deste amor abandonado  
Que se abre em flôr, e procura  
Viver de um sonho acabado;

E é como a corça ferida  
Que vai, sedenta e arquejante,  
Gastando uns restos de vida  
Em busca da agua distante:

Só, perdido no dezerto,  
Segue empós do seu carinho:  
Vai se arrastando... e vai certo  
Que morre pelo caminho.



## VII

### SAUDADE

Belos amores perdidos,  
Muito fiz eu com perder-vos;  
Deixar-vos, sim; esquecer-vos  
Fôra de mais, não o fiz.

Tudo se arranca do seio,  
— Amor, desejo, esperança...  
Só não se arranca a lembrança  
De quando se foi feliz.



Rozeira de tanta roza  
Rozeira de tanto espinho  
Que eu deixei pelo caminho  
Aberta em flôr, e parti:

Por me não perder, perdi-te:  
Mas mal posso assegurar-me  
— Com te perder e ganhar-me,  
Si ganhei, ou si perdi...



## VIII

### SERENATA

Pela vasta noute indolente  
Voga um perfume estranho.  
Eu sonho... E aspiro o vago aroma ausente  
Do teu cabelo castanho.

Pela vasta noute tranquila  
Pairam, lonje, as estrelas.  
Eu sonho... O teu olhar tambem scintila  
Assim, tão lonje como elas.



Pela vasta noute povoada  
De rumores e arquejos  
Eu sonho... E' tua voz, entrecortada  
De suspiros e de beijos.

Pela vasta noute sem termo,  
Que dezerto sombrio!  
Eu sonho... Inda é mais triste, inda é mais ermo  
O nosso leito vazio.

Pela vasta noute que finda  
Sóbe o dia rizonho...  
E eu cerro os olhos para vêr-te ainda,  
Ainda e sempre, em meu sonho.



IX

O DIA SEGUINTE DO AMOR

Aves fujidias que passais em bando  
Pelo azul da tarde sobre o azul do mar,  
Aves fujidias que passais cantando,  
Que fazeis? Passar.

De repente surjis. No vasto céu  
Um turbilhão de alvura de repente crece;  
Passa, afasta-se, e ao lonje, e como apareceu  
Desaparece.



Brancura macia de plumas, rumor leve  
De azas que ruflam devagar,  
Passais como flocos de neve  
Que sussurram no vento e se desfazem no ar.

De tudo isso que resta? Um quase nada: apenas  
Em meu olhar distraído  
A vaga impressão de uma alvura de penas,  
E o éco de um rumor cantando em meu ouvido.



Sonhos de amor, perfumados  
Do aroma da flôr da laranjeira,  
Botões de roza desabrochados,  
Em goivos, desfeitos na lama e na poeira;

Sonhos do olhar namorado  
Ao descobrir, como um triunfador,  
Todo enlevado, todo enlevado,  
Que uns seios de marmore arquejam de amor;



Sonhos do ouvido, escutando  
O injenuo amor que se revela emfim  
Involuntariamente, quando  
Em frases que negam a voz diz que sim;

Sabor do primeiro beijo  
Que mal pouza, medroso, leve, leve,  
Num rosto virjem onde o pejo  
Semeia de rozas brancuras de neve;

Sonhos de amor, sois como a roza  
Que, nem bem colhida,  
Perde a frescura que a tornou formoza,  
Perde o perfume que a tornou querida.



Primavera vivida •

De amar e ser amado aos vinte anos em flôr,  
Entrada triunfal do coração na vida,  
Amor, amor, amor!

Rapida travessia

De um mar azul, rasgado entre rochedo nús  
Nos quaes se ignora o amor, ou a alma se enfastia...  
Rejião lavada em luz



Entre esses dous extremos  
Tão proximos — o olhar que ainda não sabe ,vêr  
E o que vê — triste fim dos encantos supremos!  
O que vale a mulher;

Mirajens do desejo, enlevos da esperança,  
Só é feliz o amor que espera e não alcança.



Infinita doçura, inegalavel couza,  
Contato delicioso, inefavel pressão  
Da mão amada quando encontra a nossa mão  
E, brandamente, e como achando um ninho, pouza;

O' labios da mulher palpitante de amor,  
O' labios que humidece o orvalho do desejo,  
Dôces labios servis onde abotôa o beijo,  
Prestes a se deixar colher como uma flôr;



O' seios brancos onde a paixão, a ofegar,  
Chama a paixão, atrái a carne, acena ao gozo;  
O' seios brancos onde uns olhos de amorozo  
Vêm reflexos do céu na ondulação do mar;

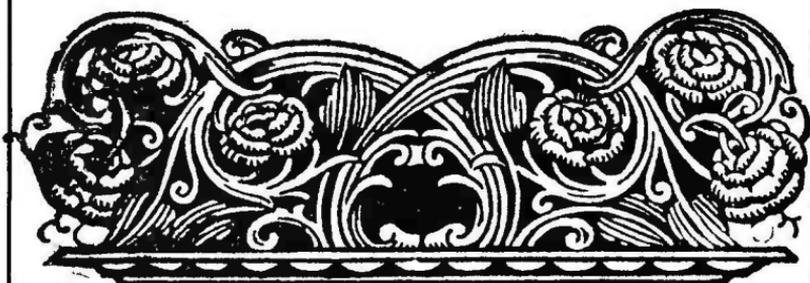
Encantos da mulher amada; comovidos  
Deslumbramentos; gosto indizível, sabor  
Da unica hora feliz de toda a vida; amor,  
Sonho em, que a alma é que sente o gozo dos sentidos;

No coração que de vós se alvoroça  
Resplandeceis, mirajens, enganos,  
De uma luz que não é vossa...  
Que é só dos nossos vinte anos.



Tremulas maretas que passais boiando  
Pela flôr das ondas nos parceis do mar;  
Tremulas maretas que alvejais cantando,  
Que fazeis? Passar.

De repente surjis... No mar sem fim  
Um turbilhão de alvura de repente crece;  
Passa; afaste-se; e como apareceu, assim  
Desaparece.



Brancura brilhante de espumas, sons velados  
Da agua no açude de um pomar,  
Passais, desfeitos, desmanchados  
Na tristeza sonora das ondas do mar.

De tudo isso que resta? Ai, quaze cousa alguma:  
Em meu olhar distraido  
A vaga impressão de alguns flocos de espuma  
E o éco de um rumor cantando em meu ouvido...



X

ULTIMA CONFIDENCIA

- E si acaso voltar? Que hei de dizer-lhe, quando  
Me perguntar por ti?
- Dize-lhe que me viste, uma tarde, chorando...  
Nessa tarde parti.
- Si arrependido e anciozo ele indagar: «Para onde?  
Por onde a buscarei?»
- Dize-lhe «Para além... para lonje...» Responde  
Como eu mesma: «Não sei».



Ai, é tão vasta a noute! A meia luz do ocazo  
Desmaia... anouteceu...

Onde vou? Nem eu sei... Irei seguindo ao acazo  
Até achar o céu...

Eu cheguei a supôr que possivel me fôsse  
Ser amada — e viver.

E' tão facil a morte... Ai, seria tão dôce  
Ser amada... e morrer!...

Ouve: conta-lhe tu que eu chorava, partindo,  
As lagrimas que vês...  
Só conheci do amor, que imajinei tão lindo,  
O mal que ele me fez.

Narra-lhe transe a transe a dôr que me consome...  
Nem houve nunca igual!  
Conta-lhe que eu morri murmurando o seu nome  
No soluço final!



Dize-lhe que o seu nome ensanguentava a bôca  
Que o seu beijo não quiz:  
Gólfame em sangue, vês? E eu murmurando-o, louca!  
Sinto-me tão feliz!

Nada lhe contes, não... Poupa-o... Eu quase o odeio,  
Ocultá-lh'ol Senhor,  
Eu morro!... Amava-o tanto... Amei-o sempre... Amei-o  
Até morrer... de amor.



# INDICE





I — Olhos Verdes	7
II — Manhã de Sol	11
III — Horas de Amor	15
IV — Primeira Sombra	21
V — A Flôr e a Fonte	25
VI — Desiludida	29
VII — Saudade	31
VIII — Serenata	33
IX — O Dia seguinte do Amor	35
X — Ultima Confidencia	45







---

Volumes da  
mesma Collecção

**Menotti**

Mascaras  
Juca Mulato  
D. João  
Poemas de Amor

**Julio Cezar  
da Silva**

Arte de Amar

**Guilherme de  
Almeida**

Nós  
Era uma vez  
Dansa das horas

**Vicente de  
Carvalho**

Roza, Roza de  
amor . . .

**Oswaldo Orico**

Arte de Illudir

---

Preço de cada vol.  
3\$000

---

CIA. EDITORA  
NACIONAL

Rua dos Gusmões, 26  
S. Paulo - 1928



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).